

As palavras aladas de José Eduardo Agualusa

The winged words of José Eduardo Agualusa

MARIA CÉLIA MARTIRANI*

RESUMO: O ROMANCE *MILAGRÁRIO PESSOAL*, DE AGUALUSA, PODE SER CONSIDERADO UM DOS CASOS LITERÁRIOS QUE ILUSTRAM A TEORIA DA TRIANGULAÇÃO DE PAUL GILROY, DESENVOLVIDA EM *THE BLACK ATLANTIC*, EXPANDIDO-A PARA AS ESPECIFICIDADES RELATIVAS AOS TRANSNACIONALISMOS DO ATLÂNTICO SUL. NESTE ESTUDO, VERIFICAREMOS OS PROCEDIMENTOS NARRATIVOS UTILIZADOS PELO AUTOR PARA CONFIGURAR UM UNIVERSO LUSÓFONO PLURAL, MÚLTIPLO E HÍBRIDO, ABERTO ÀS FUSÕES INTERLINGUÍSTICAS E INTERCULTURAIS.

ABSTRACT: THE *MILAGRÁRIO PESSOAL*, A NOVEL WRITTEN BY AGUALUSA, CAN BE CONSIDERED AS ONE OF THE LITERARY CASES THAT ILLUSTRATE THE PAUL GILROY'S THEORY OF TRIANGULATION, DEVELOPED IN HIS STUDY *THE BLACK ATLANTIC*, EXPANDING IT INTO THE SPECIFICS CONCERNING TRANSNATIONALISM SOUTH ATLANTIC. IN THIS STUDY, WE WILL VERIFY THE NARRATIVE TECHNIQUES THAT THE AUTHOR USES TO SET THE PLURAL, HYBRID AND MULTIPLE, LUSOPHONE UNIVERSE, OPEN TO CROSS-LINGUISTIC AND MERGES INTERCULTURAL.

PALAVRAS-CHAVE: AGUALUSA, GILROY, HIBRIDISMOS, LUSOFONIA
KEYWORDS: AGUALUSA, GILROY, HYBRIDISMS, LUSOPHONY

* Graduou-se em Direito pela USP e Letras pela PUC. É doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP. Atualmente mora em Curitiba (PR), onde exerce o cargo de professora de Língua e Literatura Italiana da UFPR, no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

No presente estudo, gostaríamos de compreender o conceito de lusofonia, antes de tudo, como um fenômeno decorrente da expansão colonial portuguesa, um fato histórico ligado ao contexto das grandes navegações, que tiveram o Atlântico como seu espaço de desenvolvimento, por volta do século XV. Com efeito, o Atlântico foi o grande caminho que possibilitou a triangulação entre América, África e Europa, favorecendo o intercâmbio cultural entre colonizador e colonizado. No contexto da colonização da América, os europeus se valeram do tráfico de escravos africanos. Em síntese, então, teremos a presença de três elementos: do europeu, dos nativos das terras colonizadas e dos africanos trazidos pelo colonizador para trabalharem na América, o que acabou conduzindo à mestiçagem. Mas isso só pôde se concretizar por meio da travessia pelo Atlântico.

Um dos fatos mais notórios nessas transações interculturais é exatamente o da confluência de idiomas. Daí por que seja possível compreender a lusofonia como uma das consequências mais evidentes da triangulação atlântica.

A lusofonia, nesse sentido, seria o conjunto das manifestações culturais que implicaram num reprocessamento histórico da língua portuguesa em contato constante com a língua dos povos colonizados. Se por um lado, há a imposição da língua do colonizador, por outro, o povo colonizado – ao receber essa língua - vai moldando-a, modificando-a, num contínuo processo de transformação, renovação, criouliização¹.

Além disso, a lusofonia – dirá o jurista lisboeta Guilherme D'Oliveira Martins – “é heterogênea, multifacetada, inesperada.” E, segundo o estudioso, o que melhor a caracteriza é, justamente, a própria diversidade, o alto nível de abertura, leveza e diálogo, uma vez que:

¹ Entendemos aqui o conceito de criouliização nos termos propostos por Edouard Glissant em *Introdução à uma poética da Diversidade* (2005) e assim esclarecido pela professora e estudiosa Alcione Corrêa Alves: “[...]Didaticamente, pode-se afirmar que, na condição de representante de uma corrente filosófica europeia, o pensamento de sistema tem seu produto mais acabado e mais paradigmático em Hegel, implicando uma pretensão a explicar o mundo em sua totalidade. Em uma perspectiva outra, situa-se o *pensamento de traço*, fundamentada no traço apropriado por um Glissant leitor de Jacques Derrida. Situando esquematicamente de um lado, o pensamento de sistema e de outro, o pensamento de traço, tem-se, portanto, Europa de um lado e América de outro.... De um lado o Mesmo e de outro, a Diversidade; de um lado, a força centrípeta e de outro, a força centrífuga. A criouliização é um conceito extremamente centrífugo, uma vez que oferece lugar à diversidade, à troca e a identidades novas nas quais todas as matrizes culturais fazem parte mas em que, ao mesmo tempo, já não interessa discriminar a natureza de cada traço [...]” (Glissant apud ALVES, 2011, p.3, grifo nosso).

Estamos perante uma língua de várias culturas e em face de uma língua que anima várias línguas. Não há uma lusofonia, mas lusofonias. [...] A convergência cultural supera as diferenças étnicas e a ideia de comum pátria maior, que Vitorino Nemésio designava como “pan-lusismo” alarga ainda mais essa convergência. [...] (MARTINS, 2010, p.1)

Apoiando-nos nessa ideia chegaremos a uma concepção dialética da língua portuguesa, que reflete, sobretudo, uma cultura europeia em diálogo com as culturas indígenas e africanas em todas as suas manifestações e intercâmbios.

É também, partindo desse mesmo pressuposto, que o escritor angolano José Eduardo Agualusa investe nas infinitas potencialidades linguísticas do universo lusófono de que lança mão em seu romance *Milagrário Pessoal* (AGUALUSA, 2010). Neste compõem elementos recorrentes às demais obras do autor, tais como a ênfase aos hibridismos e à mestiçagem, aos deslocamentos geográficos, às questões que concernem aos embates políticos (e suas respectivas guerras) travados no árduo processo de luta pela independência das ex-colônias africanas; a exaltação às tradições calcadas na oralidade e em particular à revitalização de lendas e mitos africanos.

Mas o que rouba a cena neste *Milagrário* é a própria língua portuguesa em sua multifacetação versátil, em sua riqueza expressiva e plural, abrindo-se à incorporação de termos africanos e indígenas, deixando-se moldar por eles e, simbioticamente, moldando-os num dos melhores exemplos de fusão inter/intracultural, já que conforme afirma um dos protagonistas do livro, um professor filólogo, linguista angolano “assim como nós criamos as línguas, também as línguas nos criam a nós”. (AGUALUSA, 2010, p.72)

Agualusa deixa que o encantamento das palavras, o espírito lúdico e desinteressado da profusão infinita de termos provenientes das mais variadas fontes venham à tona numa espécie de verborragia poética, que transborda a cada novo episódio do narrar, como se quisesse estruturalmente dar conta do vívido fluxo de criação lexical de que se nutre a “mátria língua” portuguesa: uma língua mãe, que aleita os filhos com a seiva híbrida e miscigenada de onde extrai a inesgotável força de sua reprodutibilidade.

Nesse sentido, é possível afirmar, como muitos já o fizeram, que se trata de um livro de amor à lusofonia, em sua mais profunda acepção. Mas além disso é também uma das obras de autores africanos contemporâneos de língua

portuguesa que melhor ilustram a assim chamada teoria da triangulação, em termos consoantes aos propostos por Paul Gilroy, sobretudo, em *The Black Atlantic* (GILROY, 1993). Diversamente da do famoso estudioso inglês (que buscou tratar do Atlântico Negro, analisando as relações interculturais de África, Inglaterra e Estados Unidos), a triangularidade sobre a qual reside o romance de Agualusa focaliza, principalmente, os intercâmbios entre África, Portugal e Brasil.

Vale também lembrar a respeito o interessante prefácio que Hermano Vianna escreveu para a edição de 1997 da Gryphus de outro famoso romance do escritor angolano, *Nação crioula*. Com efeito, segundo o estudioso, a narrativa dessa obra pode ser entendida como confirmação das hipóteses de Gilroy, uma vez que a ação se desenrola, principalmente, entre o Brasil e Angola, no século passado, “mostrando a invenção de um Atlântico que não é só negro, mas essencialmente mestiço e propiciador de mestiçagens”. (VIANNA, 1997, p.1). O que pode ser apontado como importante traço de aproximação entre os dois autores é o fato de que a diáspora não é concebida sob o prisma dos flagelos decorrentes da dispersão do povo africano, mas sim como um complexo e rico processo de redefinição de cultura nacional.

Conforme nos ensina a professora Eufrázia Cristina Menezes Santos, o grande mérito da obra *The Black Atlantic* estaria no repúdio, manifestado pelo autor, à ideia de uma identidade enraizada, supostamente autêntica, natural e estável, veiculada pelo pensamento nacionalista negro nos anos 60:

Para ele, a comunicação transnacional criou uma nova topografia de lealdade e identidade que desconsidera as estruturas e os pressupostos do Estado-nação e redefine as formas de ligação e identificação no tempo e no espaço. O modelo do Atlântico Negro remete ao sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à ideia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo (...) As relações estabelecidas em decorrência da diáspora favorecem a formação de um circuito comunicativo que extrapola as fronteiras étnicas do Estado-nação, permitindo às populações dispersas conversar, interagir e efetuar trocas culturais. (SANTOS, 2002, p.2)

É justamente por meio dessa fecunda percepção, que afasta todo e qualquer essencialismo, privilegiando o esbatimento das fronteiras, sejam territoriais ou étnicas, numa nova perspectiva dos conceitos de cultura e pertencimento identitário, que Agualusa se nutre para representar as triangulações luso-afro-

-americanas, neste romance de exaltação aos hibridismos linguísticos.

Com efeito, temos como pano de fundo a história de amor entre um velho professor angolano, renomado filólogo e sua aluna orientanda, a jovem e bela Iara, cuja pesquisa se dedica a rastrear neologismos que surgem, de modo tão espontâneo e irrefreável, que acabam por conduzir a estudiosa à sensação de frustração e impotência ao tentar coletá-los. Diante disso, ele lhe propõe uma viagem – cumprindo exatamente a triangulação a que nos referimos anteriormente – pelo universo lusófono, a fim de fazer com que a moça se dê conta da necessidade de rever e ampliar sua visão como pesquisadora: “Uma enxurrada de novos neologismos – com o perdão pela redundância – deixa Iara à beira de um ataque de nervos. Viagem a Pernambuco, em busca da fonte dos neologismos mais que perfeitos”. (AGUALUSA, 2010, p.65) De certa forma, o papel do professor será o de descondicionar a visão fechada e extremamente cientificista da portuguesa, que, a princípio, não consegue admitir a dicionarização dos novos vocábulos.

O ritual da viagem por terras lusófonas, perfazendo a rota África – Portugal - Brasil (deslocamento geográfico) corresponde ao processo de aprendizado de Iara, que aos poucos se abre às lições do professor.

Temos evidenciados, assim, dois temas centrais na origem dos debates que aqui se propõem. De um lado, a aluna lisboeta, num primeiro momento, representante europeia dos assim chamados filólogos puristas, guardiões da língua portuguesa, cuja visão de cultura é extremamente fechada e de outro, o do professor angolano, que assume a função do poeta, na medida em que quer provar à discípula o quanto os elementos de subversão das normas da linguagem é que são os grandes responsáveis pelo enriquecimento do vocabulário. Faz-se então, de modo muito claro, uma verdadeira apologia à incorporação dos neologismos como fidedignos exemplos da fusão de culturas, num dos índices que melhor assinalam as características multiculturais dos povos, qual seja o de suas manifestações linguísticas, que são sempre plurais.

Assim, podemos afirmar que, em boa medida, as convicções postuladas a respeito da língua pelo professor africano, criado por Agualusa, são muito ilustrativas e exemplificam o quanto é possível pensar – em termos literários – numa expansão da teoria de Gilroy (precipuamente voltada aos estudos do Atlântico Norte) para as especificidades relativas aos transnacionalismos do Atlântico Sul. Com efeito, é nele que se situam os locais por onde transitam

os personagens e de onde surgem as mais inusitadas lições a respeito da diversidade de elementos que compõem a língua portuguesa.

Melhor dizendo, o caso literário José Eduardo Agualusa parece ser extremamente significativo, na medida em que busca evidenciar os importantes intercâmbios da triangulação África, América do Sul e Europa, em geral menosprezados quando se pensa nos chamados estudos atlânticos. Trata-se aqui de enfatizar – por meio da investida nas questões da lusofonia difusa nesses continentes – a transnacionalidade não hegemônica da língua portuguesa.

Para criar a tensão entre a “língua oficial” e a “língua viva”, para reiterar a força dos hibridismos linguísticos decorrentes do processo de miscigenação favorável da diáspora, em *Milagrário*, ele opõe ao discurso filológico acadêmico purista e conservador de Iara o discurso do arrojado professor angolano, que lança mão especialmente dos expedientes poético-onírico-inovadores que residem na base dos mais diversos neologismos, fonte inexaurível de subversão e renovação da linguagem.

Cumprir notar o quanto a estudante, apegada ao rigor metodológico exigido no processo de dicionarização vai se deixando tocar pelas inventivas do orientador, aberto aos mitos africanos. Entre estes destaca-se um conto *ovimbundo*, que traz à luz a crença de que no princípio nenhum animal falava, nem os homens, mas apenas os pássaros.

A concepção de cultura do professor angolano manifesta uma evidente reverência à tradição mítica africana que faz pensar nos modos como algumas civilizações tribais a vivenciam. O que importa verificar, nesse caso, é a exaltação dos rituais das narrativas orais passadas de geração a geração, em que alguns membros de certas tribos são sacralizados pelas histórias que preservam, guardam e apresentam aos demais por meio de interessantes performances.

Priorizando, por meio da visão de mundo do personagem professor, o traço fortemente oral de tais narrativas míticas africanas, Agualusa remete à noção de literatura enquanto performance, tocando bem de perto o universo dos *griots*² que o estudioso suíço Paul Zumthor toma como um entre os

² *Griot* é o termo pelo qual são chamados, na África, os contadores de histórias. São considerados sábios e respeitados nas tribos onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. Nas aldeias africanas, era costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas a fio ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas

infinitos casos que analisa ao se dedicar ao que denomina ressurgência das energias vocais da humanidade (uma nostalgia da voz): “energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita”. (ZUMTHOR, 2007, p.15)

A insistência – por parte do professor – para que sua orientanda se volte a uma compreensão mais aberta desse universo mítico, atualizado por meio das narrativas orais, é mais um dos expedientes de descondicionamento de que ele lança mão a fim de atenuar-lhe a rigidez.

Vale a pena verificar que, ao conferir à Iara o poder institucionalizado, que seleciona criteriosamente as palavras que podem ou devem ser dicionarizadas, o narrador cria, por meio desses embates de natureza linguística, a polarização entre os recursos do aparato ideológico de dominação do colonizador *versus* mecanismos de resistência do colonizado (no romance, encarnado pelo professor):

Retirou da pasta uma folha de papel e mostrou-me uma centena de palavras capturadas pelo seu programa. Li-as em voz alta, comovido, num arrebatamento que foi crescendo à medida que a perfeição delas se desenhava, se afirmava, iluminando o passado e o futuro da nossa língua.

Estão ainda mais perfeitas, murmurei (...)

Sim, acrescentei eu:

Ou menina,

Afago,

Açucena,

Lume,

Pitanga,

Langue,

Morena,

Quissanje,

Morança,

Desamparinho

Iara riu: Quissanje? Pitanga? É a sua coleta africana, professor?

Pitanga não tem origem africana, corrija-a. Vem do tupi e significa avermelhado.

pelos “velhos *griots*”. Termo do vocabulário franco-africano criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes para as quais, em geral, está a serviço. Presente, sobretudo na África ocidental, notadamente onde se desenvolveram os faustosos impérios medievais africanos (Gana, Mali, Songai, etc), recebe denominações variadas, *dyéli* ou *diali*, entre os Bambaras e Mandingas, *guésséré* entre os Saracolês, *wambabé*, entre os Peúles, *aulombé*, entre os Tucolores e *guével* entre os Uolofes. (LOPES, 2004)

Quissanje, sim, claro. Já açucena e afagar são de proveniência árabe.

E as duas últimas? Inventou-as agora?

Não, claro que não. Morança é um termo do crioulo guineense. Designa um agregado familiar. E desamparinho, em minha opinião uma das mais belas palavras do crioulo cabo-verdiano, dá nome àquela hora feliz, ao final da tarde, quando o dia cede lugar à noite, o calor esmorece e os velhos se sentam nos passeios, fruindo o fresco e as cigarras, e vendo as moças passarem sacudindo as ancas.

Então não valem, contestou Iara. Essas últimas não valem. Só valem palavras portuguesas.

Ora essa! foi a minha vez de protestar. São palavras portuguesas! Os crioulos de base portuguesa, como aqueles que existem em Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe ou em Casamance, no Senegal, todos eles preservam termos da nossa língua. Alguns que esquecemos. Outros que nunca utilizamos, mas que partilham o espírito do idioma. Também eles nos pertencem. (AGUALUSA, 2010, p.69-70)

No interessante estudo *Il Principe di Machiavelli nella lessicografia latino-americana* (BAGNO, 2013, p.195-207), a professora, lexicógrafa italiana Sandra Bagno analisa a incorporação de termos derivados a partir do nome do famoso florentino Maquiavel, ao longo dos séculos, especialmente nos dicionários de língua portuguesa. Tratando das questões ideológicas que permitem ou vetam a dicionarização de determinadas palavras, ela aponta, em síntese, a duas grandes tradições lexicográficas presentes na base das compilações das línguas neolatinas.

De um lado encontraríamos a tradição italiana, mais aberta e prolífera, uma vez que, ainda hoje, na Itália (feitas as devidas e pontuais exceções a situações e regimes políticos tirânicos, como o Fascismo) a produção de dicionários é muito intensa, já que haveria uma tendência à coleta de todas as palavras que vão surgindo, num processo de infinito respeito à língua como organismo vivo, em constante mutação. Do outro lado, em direção oposta à primeira, teríamos a tradição francesa, extremamente cerceadora, cuja base principal se concentraria nas teses do renomado filólogo Raphael Bluteau.

A estudiosa constata, além disso que, enquanto a tradição lexicográfica italiana é eminentemente descritiva, a portuguesa (seguindo a tradição francesa de Bluteau) seria normativa e censuradora, já por definição. Melhor dizendo, o processo de dicionarização em Portugal estaria atrelado, desde a base, ao veto, às proibições de toda ordem, aos rigores da censura. A propósito, curiosamente por exemplo, a professora cita que a batalha de Alcácer Quibir

e o nome de Dom Sebastião não constam dos dicionários portugueses, ao passo que, nos italianos, foram dicionarizados os termos *Caporetto* (nome da batalha da Primeira Guerra Mundial, que representou uma das mais significativas perdas militares italianas de todos os tempos e que passou a ser um termo utilizado para designar fracasso, insucesso, derrota), além de *infoibare* (de *foiba*, vale, buraco) termo que remete ao período em que o general Tito da Ex-Iugoslávia, por ocasião da ocupação iugoslava de Trieste adotava – como um dos expedientes de tortura e represália – jogar os inimigos políticos nas chamadas *foiba*.

O considerado politicamente incorreto não é dicionarizado em Portugal e segundo Bagno tal característica mostra-se ainda mais gritante, por exemplo, se atentarmos às versões de fatos narrados por jornais da Metrópole dos tempos do Império Português (e dos termos ali adotados) em comparação com as versões dos mesmos episódios relatados pelos jornais africanos de Moçambique ou Angola.

Diante do exposto é possível compreender, para além do que se insinua no bojo do romance de Agualusa, o desespero de Iara quando se vê diante da verdadeira avalanche de novos termos – os que ela, particularmente, desconhecia e também os neologismos – nascendo o tempo todo do ventre fecundo da mátria língua portuguesa.

Seria como se a representante dos vetos lexicográficos portugueses (pautada pela tradição normativa de Bluteau), aos poucos, fosse cedendo à dinâmica vital e transgressora da língua do professor angolano, mais que tudo, poética e onírica, calcada na tradição oral (recuperando nostalgicamente a voz dos que foram obrigados a calar durante séculos de dominação).

Levando em consideração os aspectos positivos da diáspora, em termos análogos aos propostos por Gilroy, em que as mais variadas relações de intercâmbio exaltam a mestiçagem, redefinindo conceitos de cultura, identidade e território, libertando-os das amarras racistas do pensamento iluminista, pondo de lado as agruras do processo de escravidão, o que em síntese temos, neste *Milagrário* é, sobretudo, um espaço de celebração às múltiplas potencialidades de expressão lusófona, numa bela ilustração das triangulações do que Vianna denominou “Atlântico Mestiço”: África, Portugal, Brasil. (VIANNA, 1997, p.1)

O palco das desavenças passa a ser não mais o da escravidão como flagelo,

em que as culturas do dominador e do dominado se chocam ruidosamente, mas o dos embates linguísticos, em que o rigor na seleção de palavras “puramente” portuguesas se dá conta do quão obsoleto e dissonante é tentar erigir muros de catalogação para proteger palavras que há muito, como os pássaros de Agualusa, voam livres, enriquecendo a grande nação lusófona, sem fronteiras, vetos ou limitações.

A heterogeneidade lusófona que nos permite falar – como aponta Martins – em lusofonias por estamos diante de uma língua que anima várias línguas (MARTINS, 2010, p.1) é plenamente exaltada em toda sua potencialidade criativa neste romance de José Eduardo Agualusa. O autor angolano ilustra, de modo magistral, os hibridismos linguísticos de toda ordem, atento às triangulações que transcendem às do Atlântico Norte, alargando os limites dos transnacionalismos, acrescentando ricas reflexões, especialmente, à infinita gama de estudos que se dedicam ao universo afro-lusitano.

Referências Bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. *Milagrário pessoal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- BAGNO, Sandra. Il Principe di Machiavelli nella lessicografia lationoamericana. In CAMPI, A. (org.) *Il Principe di Niccolò Machiavelli e il suo tempo. 1513-2013*. Milano: Enciclopedia Treccani S.P.A., 2013.
- GILROY, Paul. *The black Atlantic: modernity and double-consciousness*. First ed. UK: Verso, 1993.
- GLISSANT, E. apud ALVES, M.A.C. *A ideia de processo no conceito de criouliização: primeiras hipóteses*. Curitiba, Brasil, UFPR, XII Congresso Internacional da ABRALIC, 18 a 22 de julho de 2011, p.3. Disponível em: < <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/.../TC0956-1.pdf>. > Acesso em: 08 de jun. 2014.
- LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004. Disponível em: < <http://www.ciadejovensgriots.org.br/griots.php> > Acesso em: 08 de jun. 2014.
- MARTINS, G.D.O. *A vida dos livros*. Blog do Centro Nacional de Cultura. Lisboa, 25 a 31 de outubro de 2010. Disponível em: < <http://www.cnc.pt>. > Acesso em: 28 de dez. 2013.

- SANTOS, E.C.M. *Gilroy, Paul: O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. In Ver. Antropol. V.45 no.1 São Paulo 2002. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012002000100013>.> Acesso em: 28 de dez.2013.
- VIANNA, Hermano. *Prefácio para Nação Crioula, livro de José Eduardo Agualusa*. Editora Gryphus,1997. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/download_banco/prefacio-para-nacao-crioula.> Acesso em: 28 de dez. 2013.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.